

# prazer mortal

j. d. robb

Tradução de Idalina Morgado

*Não cobiçarás; ainda que a tradição  
sancione todas as formas de competição.*

ARTHUR HUGH CLOUGH



*A maior desventura de se ser rico  
é ser-se obrigado a viver com os ricos.*

LOGAN PEARSALL SMITH



## CAPÍTULO

# 1



A estrada era excruciante, pouco mais larga que um decente riacho de cuspo e serpenteando como uma cobra entre gigantes arbustos carregados de estranhas flores que se assemelhavam a gotas de sangue.

Ela precisou de lembrar a si mesma que a viagem tinha sido ideia sua — o amor também era excruciante —, mas como poderia ela saber que conduzir pelo Oeste da Irlanda significava arriscar a sua integridade física a cada curva?

A Irlanda rural, pensou ela, sustendo a respiração enquanto faziam velozmente a curva seguinte da Viagem da Morte. Onde as povoações mal eram intermitências na paisagem, e onde ela estava bastante certa de que o número de vacas superava o das pessoas. E o número de ovelhas superava o das vacas.

E porque é que isso não preocupava ninguém?, questionou-se. Será que as pessoas não consideravam o que poderia acontecer se exércitos de animais de quinta se unissem numa rebelião?

Quando a Estrada Homicida finalmente cinzelou o seu caminho de fuga dos arbustos de sangue, o mundo abriu-se em campos e colinas, verdes, verdes, verdes arrepiantes contra um céu amontoado de nuvens que não conseguiam decidir se queriam chover ou apenas ali se manter de forma sinistra. E ela sabia que aqueles pontos espalhados por todo o verde eram ovelhas e vacas.

Provavelmente, discutindo estratégia de guerra.

Ela até as tinha visto a vaguear à volta daquelas estranhas — e, está bem, um pouco fascinantes — ruínas em pedra. Locais gigantescos, devastados,

que talvez tivessem sido castelos ou fortalezas. Um bom lugar para exércitos de animais de quinta conspirarem a sua insurreição.

Talvez fosse bonito se se pensasse num quadro pendurado na parede, mas, simplesmente, não era natural. Não, era demasiado natural, corrigiu-se. Era essa a questão, demasiada natureza, demasiado espaço aberto. Até as casas dispersas pela interminável paisagem insistiam em rodear-se de flores. Tudo a desabrochar, cores esmagadas contra cores, formas contra formas.

Ela até tinha visto roupas penduradas em cordas como prisioneiros executados. Estava-se em 2060, por amor de Deus. As pessoas por aqui não tinham máquinas de secar?

E por falar nisso — sim, por falar nisso —, onde estava todo o tráfego aéreo? Mal tinha avistado um punhado de elétricos aéreos, e nem um único dirigível publicitário se arrastava pesarosamente por cima deles, estrondeando a sua propaganda de promoções.

Nem metro, nem vendedores ambulantes, nem turistas a comportarem-se, ditosamente, como alvos para ladrões de rua, nem estouros de maixautocarros, nem taxistas do Rapid Cab a praguejar.

Credo, ela tinha saudades de Nova Iorque.

Ela nem sequer podia arriscar-se a conduzir para esquecer esses assuntos, pois, por alguma cruel e inexplicável razão, as pessoas dali insistiam em conduzir do lado errado da estrada.

Porquê?

Ela era polícia, jurara proteger e servir, por isso dificilmente se podia colocar atrás do volante nestas estradas, armadilhas mortais, onde provavelmente acabaria por atropelar civis inocentes. E talvez alguns animais de quinta, já agora.

Eve questionava-se se alguma vez chegariam ao seu destino, e quais seriam as probabilidades de lá chegarem inteiros.

Talvez devesse pôr a correr algumas probabilidades.

A estrada voltou a estreitar-se, encurralando-os de novo, e a tenente Eve Dallas, polícia veterana de homicídios, perseguidora de psicopatas, de assassinos em série, de depravados homicidas, lutou para conter um guincho quando o seu lado do carro roçou levemente as sebes.

O seu marido de há dois anos — e a razão pela qual ela tinha sugerido aquela etapa nas suas férias — tirou a mão do volante para lhe dar uma palmadinha na coxa.

— Relaxe, tenente.

— Cuidado com a estrada! Não olhes para mim, olha para a estrada.

Exceto que nem é realmente uma estrada. É um caminho de terra. O que são estes malditos arbustos, e porque estão aqui?

— São fúchsias. Adoráveis, não achas?

Fizeram-na pensar em borrifos de sangue, possivelmente resultantes de um massacre provocado por um exército de animais de quinta.

— Deviam afastá-las desta estúpida estrada.

— Imagino que já estavam cá primeiro.

A Irlanda atravessava a sua voz de uma forma muito mais apelativa do que a estrada atravessava o campo.

Ela arriscou um olhar na sua direção. Ele parecia feliz, apercebeu-se. Relaxado, feliz, à vontade num casaco de cabedal leve e numa *t-shirt*, o seu cabelo preto empurrado para trás daquele rosto espantoso (também excruciantemente espantoso), os seus olhos tão ricos de azul que fazia doer o coração.

Ela lembrou-se de que eles quase tinham morrido juntos algumas semanas antes, e ele ficara gravemente ferido. Ela pensara... ainda conseguia lembrar-se daquele instante sem fôlego quando pensara que o tinha perdido.

E ali estava ele, vivo e inteiro. Por isso, talvez lhe perdoasse por se divertir à sua custa.

Talvez.

Além disso, a culpa fora dela. Eve tinha sugerido que usassem parte das férias deles, de celebração do seu aniversário, ali, para que ele pudesse visitar a família que só recentemente tinha descoberto. Ela já lá tinha estado, afinal de contas.

Claro que nessa viagem ela fora de helicóptero a jato.

Quando ele abrandou ao entrarem no que se poderia vagamente chamar de cidade, ela respirou um pouco mais facilmente.

— Quase lá agora — disse-lhe ele. — Isto é Tulla. A quinta da Sinead fica a poucos quilómetros da vila.

Boa, pelo menos já tinham conseguido chegar até ali. Exigindo a si própria que se acalmasse, Eve passou a mão pelo seu cabelo curto castanho irregular.

— Olha, ali. O Sol está a nascer.

Ela observou a escassa abertura no cinzento, e o feixe de luz pálido que, com dificuldade, tentava atravessar.

— Uau, a luz. Até cega.

Ele riu-se, estendeu a mão para pentear o cabelo que ela tinha acabado de embaraçar.

— Estamos fora da nossa zona de conforto, tenente. Talvez seja bom para nós sairmos da rotina de vez em quando.

Ela conhecia a sua rotina. Morte, investigação, a insanidade de uma cidade que corria em vez de andar, os cheiros da esquadra, a pressa e o peso da liderança.

Parte disso tinha-se tornado a rotina de Roarke nos últimos dois anos, contemplou. Ele equilibrava isso com o seu próprio mundo, que era comprar, vender, possuir, criar praticamente cada coisa existente no universo conhecido.

As suas origens tinham sido tão sombrias e feias como as dela. Rato das ruas de Dublin, pensou Eve, ladrão, conivente, sobrevivente de um pai atroz e assassino. A mãe que ele nunca conhecera não tinha tido tanta sorte.

A partir daí, tinha construído um império — nem sempre do lado brilhante da lei.

E ela, polícia até aos ossos, apaixonara-se por ele apesar das sombras — ou talvez por causa delas. Mas havia mais sobre ele do que qualquer um deles sabia, e esse mais vivia numa quinta fora da pequena vila de Tulla, no Condado de Clare.

— Podíamos ter apanhado um helicóptero desde o hotel — disse-lhe ela.

— Gosto da viagem.

— Sei que estás a falar a sério, e isso deixa-me preocupada contigo, amigo.

— Apanhamos um vaivém quando partirmos para Florença.

— Completamente de acordo.

— E teremos um jantar à luz das velas na nossa *suíte*. — Olhou para ela com aquele sorriso descontraído e feliz dele. — A melhor piza da cidade.

— Assim, sim.

— Significa muito para eles que tenhamos vindo assim, juntos, por uns dias.

— Eu gosto deles — disse Eve, referindo-se à família do lado da mãe dele. — Da Sinead, dos outros. É bom tirar férias. Só tenho de me esforçar e deixar de pensar no que se passa na Central. O que é que as pessoas fazem aqui, afinal?

— Trabalham, cultivam, gerem lojas, cuidam de casas e famílias, vão ao bar beber um copo e estar em comunidade. Simples não implica insatisfação. Ela resfolegou.

— Eu enlouqueceria aqui.

— Oh, ao fim de uma semana. Somos criaturas urbanas, tu e eu, mas

consigo apreciar aqueles que fazem deste o seu percurso, que valorizam e apoiam a comunidade. *Comhar* — acrescentou ele — é a palavra irlandesa para isso. É característica dos condados do Oeste.

Agora viam-se bosques, que de uma forma arrepiante se aproximavam da estrada, e uns bonitos — se se gostasse desse tipo de coisas — e vastos campos, divididos por pequenos muros de rocha que ela imaginava que tinha sido minerada desses campos bonitos.

Ela reconheceu a casa quando Roarke fez a curva. Conseguia ser simultaneamente extensa e concentrada, com uma entrada de flores que Roarke tinha dito que lhe chamavam «jardim à porta». Se as casas emitissem auras, ela supôs que esta seria de felicidade.

A mãe de Roarke tinha crescido ali antes de ter fugido para as cintilantes luzes de Dublin. Aí, jovem, ingénuo, crédulo, ela apaixonara-se por Patrick Roarke, dera à luz o seu filho. E morrera ao tentar salvar essa criança.

Agora, a sua irmã gémea governava a casa, ajudava a gerir a quinta com o homem com quem havia casado, com os seus filhos e irmãos, pais — todo o clã parecia estar ali enraizado, naquele meio verdejante.

Sinead saiu de casa, percebendo Eve que ela tinha estado à espera deles. O seu cabelo ruivo áureo emoldurava-lhe o lindo rosto onde olhos verdes os acolhiam em boas-vindas.

Não haviam sido laços de sangue que lhe tinham colocado aquele afeto no rosto, ou nos braços que ela esticou. Fora família. O sangue, Eve sabia-o, nem sempre significava afeto e boas-vindas.

Sinead agarrou Roarke num abraço forte e balançante, e como o seu cumprimento murmurado foi em irlandês, Eve não conseguiu compreender as palavras. Mas a emoção foi perceptível.

Isto era amor, aberto e aceitador.

Quando se virou, Eve viu-se presa no mesmo abraço completo. Abriu-lhe ainda mais os olhos, alterou-lhe o equilíbrio.

— *Fáilte abhaile*. Bem-vindos a casa.

— Obrigada. Ah...

— Entrem, entrem. Estamos todos na cozinha ou nas traseiras. Temos comida suficiente para alimentar o exército que somos, e pensámos em fazer um piquenique, já que trouxeram convosco um tempo tão agradável.

Eve lançou um olhar para o céu, e supôs que havia gradações no conceito de bom tempo, dependendo da posição em que se encontrasse no planeta.

— Vou pedir a um dos rapazes que vá buscar as vossas malas e as leve

para o vosso quarto. Oh, é tão bom ver as vossas caras. Estamos todos aqui agora. Estamos todos em casa.

Eles foram alimentados e celebrados, cercados e interrogados. Eve conseguiu gerir nomes e rostos, imaginando-os a todos como suspeitos de homicídio — mesmo os que se desequilibravam e gatinhavam.

Especialmente aquele que não parava de tropeçar ao andar e de tentar trepar de alguma forma, para chegar ao seu colo.

— O nosso Devin é um engatatão. — A sua mãe, Maggie, riu-se enquanto o levantava, e do jeito que algumas mulheres faziam, alojou-o sem esforço na sua anca. — O pai diz que a seguir vão para Itália. O Connor e eu alargámo-nos na nossa lua de mel e fomos para Veneza. Foi incrível.

A criança na sua anca balbuciou algo e pulou.

— Tudo bem, meu rapazinho, já que estamos de férias. Vou arranjar-lhe outro biscoito. Queres um?

— Não, obrigada, estou bem.

Um momento depois, Eve sentiu uma comichão entre as suas omoplatas. Ao mudar de posição, viu um rapaz a olhar para ela. Ela reconheceu-o — os olhos verdes da família Brody, o sistema solar de sardas — de quando a família tinha ido a Nova Iorque no Dia de Ação de Graças passado.

— Qual é a tua? — perguntou ela.

— Estou curioso de saber se tens a tua arma de choques.

Ela não tinha colocado o arnês, mas prendera uma pequena arma ao tornozelo. Era difícil perder os velhos hábitos, supôs ela, tal como supôs que Sinead e o resto das mulheres não iriam gostar que ela mostrasse a arma ao miúdo num piquenique de família.

— Porquê? É preciso abater alguém?

Ele sorriu àquilo.

— A minha irmã, se não te importasses.

— Qual é o crime?

— Ser uma monga. Isso deve ser suficiente.

Ela conhecia o verdadeiro significado da palavra por Roarke a usar quando mudava para a sua gíria nativa.

— Não em Nova Iorque, campeão. A cidade está cheia de mongos.

— Acho que vou ser polícia e rebentar com os maus da fita. Com quantos já rebentaste?

Sacarinha sedento de sangue, pensou Eve. Ela gostava dele.

— Não mais do que devia. Colocá-los numa cela é mais satisfatório do que rebentar com eles.

— Porquê?

— Dura mais tempo.

Ele considerou a questão.

— Então, primeiro rebento com eles, depois ponho-os numa cela. — Quando ela se riu, ele mostrou outro sorriso. — Não temos maus da fita por aqui, e isso é uma pena. Talvez eu vá a Nova Iorque outra vez, e tu podes mostrar-me alguns dos vossos.

— Talvez.

— Isso vai ser incrível! — disse ele, e fugiu.

No minuto em que o fez, alguém se deixou cair ao seu lado e empurrou-lhe uma caneca de cerveja fresca para a mão. Seamus, identificou Eve, o filho mais velho de Sinead. Ela estava confiante de que era ele.

— Então, o que estás a achar da Irlanda até agora?

— O contrário de Nova Iorque. Verde — acrescentou ela quando ele se riu e lhe deu uma cotovelada amigável nas costelas. — Com muitas ovelhas. E boa cerveja.

— Cada pastor merece o seu caneco à noite. Deixaram a minha mãe muito feliz, tirando este tempo para virem, estarem com a família. Ela pensa no Roarke como sendo dela agora, no lugar da irmã. O que estás a fazer por ela, e por ele, é importante.

— Não é preciso muito esforço para nos sentarmos e bebermos uma boa cerveja.

Ele deu-lhe uma palmadinha na coxa.

— É um longo caminho a percorrer para beber uma cerveja. Além disso, deixaste o meu rapaz todo entusiasmado.

— Desculpa?

— O meu Sean, que esteve ainda agora aqui a interrogar-te.

— Oh. É difícil perceber quem é de quem.

— Claro que é. Desde que vos visitámos no ano passado, ele desistiu do sonho de ser um pirata espacial para ser um polícia e passar a sua vida a rebentar com todos os maus da fita.

— Ele mencionou isso.

— Verdade seja dita, ele deseja desesperadamente um homicídio enquanto estás por cá. Algo horrível e misterioso.

— Têm muitos desses por aqui?

Ele encostou-se para trás, tomou um gole de cerveja enquanto matutava.

— A última coisa de que me recordo foi quando a velhota senhora O'Riley partiu a cabeça do marido com uma frigideira quando ele, mais

uma vez, voltou para casa bêbedo e a cheirar ao perfume de outra mulher. Suponho que foi horrível o suficiente, mas não totalmente misterioso. Isso foi há cerca de uma dúzia de anos.

— Não há muita ação na zona para um polícia de homicídios.

— Infelizmente para o Sean, não. Ele gosta de estar a par dos teus casos, pesquisando pequenos pedaços de informação no computador. Este último? O homicídio dos jogos holográficos deu-lhe uma excitação sem fim.

— Oh. — Ela olhou de relance para onde Roarke se encontrava com Sinead, o braço dela à volta da cintura dele. E pensou na lâmina que o golpearia de lado.

— Temos um filtro de controlo parental, por isso ele não consegue obter os detalhes mais sumarentos.

— Sim, isso é provavelmente uma boa coisa.

— Quão grave foi ele ferido, o meu primo? Os meios de comunicação não deram muito sobre isso... que foi, suponho eu, o que ele queria...

O sangue dele, quente, escorrendo pelos dedos trémulos dela.

— Suficientemente mau.

Seamus acenou com a cabeça, lábios pressionados enquanto estudava Roarke.

— Ele não é de todo filho do seu pai, pois não?

— Não onde importa.

Os piqueniques irlandeses, descobriu Eve, mantinham-se durante horas, tal como um dia estival irlandês, e incluíam música, dança e um entusiasmo infundável geral até bem depois de as estrelas tremeluzirem.

— Mantivemos-vos acordados até tarde. — Sinead acompanhou-os ao andar de cima, desta vez enrolando um braço à volta da cintura de Eve.

Eve nunca sabia exatamente o que fazer quando as pessoas colocavam braços à sua volta, a menos que fosse um combate, ou Roarke.

— Ainda por cima, depois de toda a vossa viagem. Mal vos demos tempo para desfazerem as malas, e nenhum para se instalarem.

— Foi uma bela festa.

— Foi, foi, sim. E agora o meu Seamus convenceu o Roarke a irem para o campo pela manhã. — Ela deu um pequeno aperto a Eve. Ao sinal, Eve olhou para trás de relance para Roarke.

— A sério? No campo, tipo campo agrícola? — disse Eve.

— Eu vou gostar. Nunca conduzi um trator.

— Espero que digas o mesmo quando te estivermos a arrastar para fora da cama às seis e meia da manhã.

— Ele já mal dorme, de qualquer maneira — comentou Eve. — Ele é como um droide.

Sinead riu-se, abriu a porta do quarto deles.

— Bem, espero que se sintam confortáveis durante o tempo que aqui estiverem.

Ela olhou em redor do quarto, com os seus móveis simples, as suas cores suaves, e rendas brancas nas janelas sob a inclinação do teto.

As flores, um encanto de cores e formas, estavam num vaso bojudo na cómoda.

— Se precisarem de alguma coisa, seja o que for, estou mesmo ao fundo do corredor.

— Vamos ficar bem. — Roarke voltou-se para ela, beijou-lhe a bochecha. — Mais do que bem.

— Vemo-nos ao pequeno-almoço, então. Durmam bem.

Ela escapou-se, fechou a porta.

— Porque — perguntou Eve — queres conduzir um trator?

— Não faço ideia, mas parece ser uma coisa a fazer. — Vagarosamente, tirou os sapatos. — Eu posso arranjar uma desculpa se não quiseres ficar sozinha de manhã.

— Não é um problema para mim. De qualquer modo, tenciono dormir e livrar-me desta cerveja suficiente para um ano.

Ele foi ter com ela a sorrir, passou-lhe a mão pelo cabelo.

— Muita gente para lidares de uma só vez.

— Eles são porreiros. Pelo menos depois de descobrires do que estão a falar. Do que eles falam, muito, é de ti.

— Eu sou o novo elemento. — Ele beijou-lhe a testa. — Nós somos o novo elemento, já que eles estão bastante fascinados pela minha polícia. — Ele puxou-a e eles ficaram a abraçar-se um ao outro no centro do bonito quarto da quinta com a brisa noturna a soprar pela janela e a agitar a fragrância das flores pelo ar. — Aqui, é uma vida completamente diferente. A um mundo de distância.

— O último homicídio foi há cerca de uma dúzia de anos.

Ele recuou, abanou a cabeça. Apenas se riu.

— Acredito em ti.

— Não fui eu que puxei o assunto. Estás a ouvir aquilo?

— O quê?

— Nada. Vê bem, está tudo bastante calmo, e está muito escuro — acrescentou ela com um olhar de relance para a janela. — Um silêncio de morte, um escuro de morte. Seria de esperar que houvesse mais homicídios.

— Queres passar as férias a trabalhar?

— Sei o que estás a dizer, mas não. Eu dou-me bem com o sossego. Na maior parte do tempo. — Ela deslizou a sua mão pelo flanco dele, colocou-a sobre a ferida. — Estás bem?

— Bem o suficiente. De facto... — Ele inclinou-se, colou a sua boca à dela e deixou a mão vaguear.

— Vá lá, deixa-te disso. É estranho.

— A mim, parece-me muito natural.

— A tua tia está, como é que ela disse?, mesmo ao fundo do corredor. Sabes perfeitamente que este quarto não é à prova de som.

— Terás de ser silenciosa. — Fez-lhe umas cócegas intencionais nas costelas, que a fizeram saltar e guinchar. — Ou não.

— Já não rebolei contigo hoje, duas vezes esta manhã?

— Querida Eve, és uma romântica comovente. — Ele empurrou-a em direção à cama que ela já tinha reparado ter menos de metade do tamanho da que tinham em casa.

— Pelo menos liga o ecrã ou algo assim. Para disfarçar o ruído.

Ele passou os lábios sobre a bochecha de Eve, a mão sobre os músculos firmes do traseiro dela.

— Não há aqui nenhum ecrã.

— Não há ecrã? — Ela empurrou-o para longe, analisou as paredes. — A sério? Que tipo de lugar é este?

— Do tipo onde as pessoas usam os quartos para sexo e dormir, que é exatamente o que eu tenho em mente. — Para o provar, ele empurrou-a para cima da cama.

Esta chiou.

— O que é isto? Ouviste isto? Há aqui algum animal de quinta?

— Tenho quase a certeza de que os guardam lá fora. É a cama. — Ele puxou-lhe a camisa por cima da cabeça.

Para testar, ela levantou as ancas, deixou-as cair.

— Oh, por amor de Deus. Não podemos fazer isto numa cama que fala. Todos cá em casa ficarão a saber o que se passa aqui.

Divertindo-se, ele encostou o nariz ao pescoço dela.

— Creio que eles já suspeitam que fazemos sexo.

— Talvez, mas isso é diferente de ter a cama a gritar «Uuupi!».

Era de admirar que ele a adorasse?, pensou Roarke.

Observando a cara dela, ele passou-lhe um dedo sobre o peito.

— Vamos fazer sexo silencioso e digno.

— Se o sexo for digno, não está a ser feito como deve ser.

— Isso faz todo o sentido. — Ele sorriu-lhe de cima, segurando-lhe os seios, colocando os seus lábios levemente sobre os dela. — Olha para ti — murmurou ele —, toda minha por mais duas belas semanas.

— Agora estás apenas a tentar amolecer-me. — E, amolecida, ela estendeu a mão para passar os dedos pelo cabelo dele.

Todo dela, pensou Eve por sua vez.

— É bom, estar aqui. — Ela pegou-lhe na *t-shirt* pela bainha, puxou-lha sobre a cabeça. Mais uma vez, colocou a palma da mão sobre a ferida a cicatrizar. — Vamos esquecer tudo o que diga respeito à nossa vinda para cá. Mas estar aqui é bom.

— De uma maneira geral, tem sido uma viagem interessante.

— Eu não saltaria um único quilómetro. — Então, ela emoldurou-lhe o rosto, erguendo-se até os seus lábios se encontrarem. — Mesmo os atribulados.

Quando ele desceu até Eve, ela puxou-o para si e suspirou.

De olhos fechados, Eve passou as mãos sobre os músculos perfeitos e fortes das costas dele, deixou a forma e o cheiro de Roarke infiltrarem-se naqueles lugares dentro dela que estavam sempre à espera. Sempre abertos, sempre acolhedores.

Ela virou a cabeça, encontrou novamente os lábios dele. Mais prolongada e profundamente, numa corrente tão tranquila e doce como o ar da noite.

A cama deu outro guincho enferrujado, fê-la rir-se. Depois mais um quando ela se virou para ele.

— Devíamos experimentar o chão.

— Da próxima vez — sugeriu ele, e fê-la rir-se de novo. Fê-la suspirar de novo. Fez com que todos aqueles lugares acolhedores à espera se aquecessem.

E quando se enroscaram juntos, saciados e sonolentos, ela aconche-gou-se e disse:

— Uuupi.

Ela acordou ainda zonza, ergueu-se imediatamente na cama.

— O que foi aquilo? Ouviste aquilo? — Nua, saltou da cama para agarrar na arma que tinha deixado na pequena mesa de cabeceira. — Olha! Lá está outra vez! Que linguagem é aquela?

Na cama, Roarke virou-se.

— Creio que é conhecido como galo.

Com a arma ao seu lado, ela olhou fixamente para ele, boquiaberta.

— Estás a gozar comigo, porra?

— Nem um pouco. É de manhã, mais ou menos, e isso é um galo a anunciar o amanhecer.

— Um galo?

— Eu diria que sim. Não creio que a Sinead e o homem dela queiram que dê uma descarga ao galarote deles, mas tenho de dizer, tenente, que estou a ter uma vista fascinante.

Ela suspirou profundamente, pousou a sua arma.

— Jesus Cristo, bem podíamos estar noutra planeta. — Eve deslizou de volta para a cama. — E se o teu galarote<sup>1</sup> tiver alguma ideia sobre anunciar o dia, lembra-te de que tenho uma arma.

— Por mais encantadora que seja essa ideia, penso que este é o meu alarme de despertar. Embora preferisse estar a montar a minha mulher em vez de um trator, eles estão à minha espera.

— Diverte-te. — Eve rolou e pôs a almofada sobre a cabeça.

Galos aos berros, pensou ela, apertando bem os olhos. E, pelo amor de Deus, aquilo era uma vaca? A mugir de verdade? Mas o quão perto estavam aquelas sacanas da casa?

Eve levantou a almofada uns centímetros, semicerrou os olhos para se assegurar de que a arma estava à mão.

Como raio era suposto uma pessoa dormir com todos aqueles mugidos e cantorias de galo, e só Deus sabe o que mais acontecia lá fora? Era simplesmente assustador, era o que era. O que estavam eles a dizer uns aos outros? E porquê?

A janela não estava aberta? Talvez devesse levantar-se e...

Quando deu por ela, estava a acordar com a luz amarela do Sol.

Afinal tinha dormido, apesar de ter tido um sonho inquietante com animais de quinta todos adornados com fardas militares.

O seu primeiro pensamento foi «café» antes de se lembrar onde estava e por pouco murmurar um palavrão. Ali bebiam chá, e ela não sabia como diabo haveria de lidar com o dia que tinha pela frente sem a sua dose de energia.

Eve levantou-se pesarosamente, olhou, indecisa, à sua volta. E apercebeu-se do roupão no fundo da cama, e o cubo de notas sobre ele. Ela pegou no cubo, ativou-o.

— Bom-dia, tenente. No caso de ainda estares meio a dormir, o duche fica ao fundo do corredor, à esquerda. A Sinead diz para desceres para o

---

<sup>1</sup> Trocadilho de *cock*, galo ou galarote, com *cock*, termo vulgar para pénis. (N. de T.)

pequeno-almoço quando estiveres acordada e a pé. Aparentemente, eu vou encontrar-me convosco por volta do meio-dia. A Sinead traz-te aonde quer que seja suposto estarmos. Toma conta da minha polícia.

— Aqui não há vilões, lembra-te?

Ela vestiu o seu roupão e, após um momento de deliberação, enfiou a arma no bolso. Decidiu que era melhor levá-la consigo do que deixá-la no quarto.

E, lamentando o seu café, Eve percorreu o corredor para se despertar no duche.

## CAPÍTULO

# 2



A cama estava feita e o quarto arrumado quando Eve terminou o seu duche. Será que tinham droides?, perguntou-se, e decidiu que tinha sido inteligente da parte dela levar a arma consigo.

Se eles tinham droides, porque não um AutoChef no quarto — um com café no menu? Ou um ecrã para que ela pudesse verificar as notícias sobre crime internacional, para ver o que se passava em casa.

*Adapta-te*, ordenou a si própria ao vestir-se enquanto alguma espécie de pássaro fazia *cucu* — literalmente —, uma e outra vez, do lado de fora da janela. Isto não era Nova Iorque, nem de perto uma boa cópia. E ela estava, definitivamente, a acumular pontos de boa esposa a cada minuto.

Eve passou os dedos pelo cabelo húmido — não tinham tubo de secagem na casa de banho — e considerou-se o mais perto de pronta para o dia que poderia vir a estar.

A meio das escadas, ao descer, ouviu mais canto, uma voz humana bonita e radiante numa melodia harmoniosa sobre o amor. E ao fazer a curva para a cozinha, ela jurou ter apanhado o mais que desejado aroma a café.

Vislumbrava-se uma esperança enquanto Eve dizia a si própria que se tratava provavelmente apenas de memória sensorial. Mas a fragrância envolveu-a e atraiu-a como um anzol o resto do caminho.

— Oh, graças a Deus. — Ela não tinha percebido que falara em voz alta até Sinead se voltar do fogão e lhe sorrir.

— Bom-dia para ti. Espero que tenhas dormido bem.

— Muito bem, obrigada. Isso é mesmo café?

— É, sim. O Roarke mandou-o vir, de propósito, do género de que gostas, especificamente. Lembrei-me de que tinhas uma predileção por ele.

— É mais uma necessidade desesperada.

— Eu preciso de uma chávena de chá forte de manhã, antes de me tornar humana. — Sinead entregou a Eve uma caneca grossa castanha. Ela usava calças cor de aveia e uma camisa de um azul-forte com as mangas dobradas até aos cotovelos. Uma espécie de gancho articulado afastava-lhe o cabelo da cara e prendia-lho na parte de trás da cabeça. — Senta-te, põe as engrenagens a funcionar.

— Obrigada. A sério.

— Os homens saíram para irem ver as máquinas, por isso podes ter um pequeno-almoço pacato. O Roarke disse que irias querer um irlandês completo.

— Ah...

— Vamos chamar-lhe uma porção civilizada — disse Sinead com um sorriso rápido. — Não os montes de comida que os homens conseguem consumir.

— Eu fico muito bem com o café. Não precisas de te incomodar.

— Eu gosto de me incomodar. Agrada-me. A carne já está pronta, por isso tenho-a a aquecer. Não demora mais de um ou dois minutos a cozinhar o resto. É bom ter companhia na cozinha — acrescentou ela, virando-se de novo para o fogão.

Era estranho, pensou Eve, era muito estranho sentar-se e ver alguém de facto a cozinhar. Ela imaginava que Summerset, o mordomo de Roarke, fazia muito disso quando reabastecia os AutoChefs.

Mas passar tempo na cozinha, especialmente com Summerset, estava na lista dos seus dez piores pesadelos.

— Ouvi dizer que um galarote te acordou.

Eve engasgou-se com o café.

— O quê?

— Não esse tipo de galarote. — Sinead lançou-lhe um olhar animado por cima do ombro. — Embora se isso também aconteceu, ainda bem para ti. Estava a referir-me ao galo.

— Oh, certo. Sim. Faz isso todas as manhãs?

— Faça sol ou faça chuva, embora eu já esteja bastante acostumada a ouvi-lo cacarejar na maioria dos dias. — Ela partiu ovos para a frigideira. — Suponho que seja como os ruídos de trânsito para ti. Faz parte do mundo em que se vive.

Sinead olhou para trás outra vez quando a comida silvou.

— Estou tão contente por ficarem mais uma noite, e temos um dia tão bonito e brilhante para iluminar o teu presente para o Roarke. Pensei em levar-te lá um pouco mais cedo, para que pudesses dar uma vista de olhos antes de o Seamus o trazer.

— As fotografias que enviaste já me deram uma ideia, mas seria bom vê-lo pessoalmente. Agradeço tudo o que lá fizeste, Sinead.

— Significa tudo para mim e para os meus. É mais do que um grande presente de aniversário, Eve. Muito, muito mais.

Sinead tirou um prato do forno, acrescentou-lhe os ovos, batatas fritas, metade de um pequeno tomate.

— E tens aqui pão de centeio fresco, desta manhã — disse ela, colocando o prato e uma barra de manteiga em frente de Eve, e retirando, a seguir, o pano do pão meio arredondado.

— Cheira muito bem.

Com um sorriso, Sinead encheu a caneca de café de Eve, depois levou uma caneca de chá para a mesa. Aguardou enquanto Eve provava.

— Sabe ainda melhor, e eu estou mal-habituada no que toca a pequenos-almoços.

— Isso é ótimo, então. Eu gosto de alimentar as pessoas, cuidar delas. Gosto de pensar que tenho um talento para isso.

— Eu diria que tens.

— Deveríamos todos ter a sorte de fazer o que gostamos, e para o qual temos talento. O teu trabalho dá-te isso.

— Sim.

— Não consigo imaginar fazer o que tu fazes, tal como não deves conseguir imaginar a minha vida aqui. Mas cá estamos nós, sentadas à mesa da cozinha a partilhar a manhã. O destino é uma coisa estranha e, neste caso, generosa. Tenho de vos agradecer por terem vindo até cá, passar estes preciosos dias das vossas férias connosco.

— Estou a tomar um ótimo pequeno-almoço e a beber um café excelente. Não é propriamente um sacrifício.

Sinead estendeu a mão sobre a mesa, tocou brevemente na de Eve.

— Tens poder sobre um homem poderoso. O amor dele por ti dá-te esse poder, embora suspeite que há algumas alturas em que vocês os dois lutam que nem gatos.

— Mais do que algumas.

— Ele agora está aqui, provavelmente a conduzir um trator à volta de

um campo em vez de se estender num incrível terraço num lugar exótico, e beber champanhe ao pequeno-almoço, porque quiseste isto para ele. Porque sabes que ele precisa desta ligação, e que precisa igualmente que tu a partilhares com ele.

— Deste-lhe algo que ele não sabia que queria ou precisava. Se não o tivesses feito, não estaríamos sentadas à mesa da cozinha a partilhar a manhã.

— Tenho saudades da minha irmã todos os dias.

Ela desviou o olhar por um momento.

— Gémeas — murmurou. — É um vínculo mais íntimo do que consigo explicar. Agora, com o Roarke, tenho uma parte dela que nunca pensei recuperar, e ponho-me no lugar da mãe dele. Ele tem o meu coração, como sei que tem o teu. Quero que sejamos amigas, eu e tu. Quero acreditar que voltarão de vez em quando, ou que nós iremos ter convosco. Que esta ligação só se tornará mais forte, mais verdadeira, e que o que existe entre nós não será apenas por causa do homem que ambas amamos.

Eve não disse nada por um momento, enquanto tentava ordenar os seus pensamentos.

— Muita gente o teria culpado.

— Ele era um bebé.

Eve abanou a cabeça.

— No meu mundo, as pessoas culpam, magoam, mutilam, matam por todo o tipo de razões ilógicas. O pai dele assassinou a tua irmã. Patrick Roarke usou-a, abusou dela, traiu-a e, finalmente, matou-a... roubou-ta. E alguns dariam a volta a isso, vendo o Roarke como a única coisa que restou dessa perda, até mesmo a razão dessa perda. Quando ele soube o que tinha acontecido, quando descobriu o que aconteceu à mãe dele após uma vida inteira a acreditar numa mentira, ele veio ter contigo. Não o rejeitaste, não o culpaste nem o castigaste. Trouxeste-o para a tua casa, e deste-lhe conforto quando ele dele precisou.

» Eu não faço amigos com facilidade. Não sou muito boa nisso. Mas nem que fosse só por essa razão, tu serias minha amiga, por isso, entre nós, acho que temos os elementos para uma amizade.

— Ele tem sorte em ter-te.

Eve serviu-se de mais ovos.

— Podes ter a porra da certeza.

Sinead segurou a sua caneca com ambas as mãos enquanto se ria.

— Ela teria gostado de ti. A Siobhan.

— A sério?

— Sim, teria. Ela gostava de inteligência e ousadia. — Mudando de posição, Sinead inclinou-se para a frente. — Agora conta-me, enquanto estamos só nós as duas, todos os horríveis detalhes deste último homicídio que resolveste. Daqueles que não passam nos meios de comunicação.

Pouco antes do meio-dia, Eve encontrava-se no pequeno parque, de mãos nas ancas, a estudar o equipamento. Ela não sabia nada sobre parques infantis, mas este parecia ser bastante bom. Ao redor das coisas em que as crianças balançariam, que subiriam, onde rastejariam, e o que quer que os miúdos fizessem, corriam bonitos rios de flores, de árvores jovens e verdejantes.

Uma cerejeira, numa versão mais jovem da que Sinead tinha plantado na sua quinta em memória da irmã, estendia-se graciosa e doce perto de um pequeno pavilhão. Bancos estavam espalhados aqui e ali, onde imaginava que os pais podiam descansar enquanto as crianças corriam à solta.

Uma bonita fonte de pedra gorgolejava perto de uma casa minúscula, completa com móveis à escala, num alpendre coberto. Nas proximidades, havia o que Sinead chamara de campo de futebol, algumas bancadas, uma espécie de cabana para servir petiscos, um edifício maior onde os jogadores podiam vestir-se.

Caminhos corriam aqui e ali, embora, por enquanto, alguns não fossem dar a lado nenhum. A obra ainda não estava terminada, mas ela tinha de dar a Sinead e à família enorme crédito pelo que já tinha sido realizado.

— É completamente impressionante.

Sinead soltou um longo suspiro de alívio.

— Estava tão nervosa, que não ficasse tudo como querias.

— É mais do que eu poderia ter pensado ou feito. — Ela aproximou-se dos baloiços, parou, olhou para baixo enquanto pressionava a bota contra o chão esponjoso.

— É material de segurança. As crianças caem e tropeçam, e isto protege-as.

— Excelente. Parece... divertido — decidiu Eve. — É bonito e está bem concebido, mas, acima de tudo, parece divertido.

— Trouxemos alguns dos nossos pequenos para o testar, e posso garantir-te que foi isso que acharam.

A brisa contínua agitou o cabelo que Sinead tinha desprendido enquanto ela — de mãos nas ancas — dava uma volta sobre si mesma.

— A aldeia está cheia de conversas sobre isto. É algo completamente encantador. Simplesmente encantador.

— Se ele não gostar, dou-lhe uma tarefa.

— Eu fico-te com o casaco. Ah, bem, aí vêm eles. — Sinead levantou o queixo ao avistar a carrinha. — Vou levar o meu grupo a dar uma volta para que possas oferecer ao Roarke o seu presente em privado.

— Agradeço-te.

Ela não se sentia confortável com presentes — dar ou receber —, pelo menos na maior parte do tempo. E, neste caso, estava um pouco nervosa pela possibilidade de ter exagerado. O que lhe parecera uma boa ideia na altura — no passado novembro durante a visita de Sinead —, tornara-se mais complicado e complexo, e ela preocupava-se que talvez não fosse totalmente apropriado.

Presentes, aniversários, família — no geral, uma experiência limitada.

Ela observou-o a caminhar na sua direção, alto e magro com calças de ganga e botas, uma camisa azul desbotada enrolada até aos cotovelos, os espessos e sedosos cabelos negros puxados para trás em modo de trabalho. Dois anos de casados, pensou ela, e ele ainda conseguia fazer o seu coração disparar.

— Então, vais largar tudo pela agricultura? — gritou ela.

— Penso que não, embora me tenha realmente divertido durante algumas horas. Eles têm cavalos. — Ele parou, inclinou-se para a beijar quando a alcançou. — Podias tentar ir dar uma volta. — Ele passou a ponta do dedo pela covinha do queixo dela enquanto Eve o fitava com ternura. — Talvez gostasses, mais do que aquela recente cavalgada holográfica que terminou em batalha.

Ela lembrou-se da velocidade e força do cavalo holográfico, e pensou que poderia realmente gostar. Mas, para já, Eve tinha planos diferentes.

— Eles são maiores que as vacas, mas não parecem tão estranhos.

— Ora aí está. — Ele olhou à sua volta, e os nervos dela começaram a ressoar. — Andas a ver se fazemos outro piquenique? Este lugar é perfeito para isso.

— Gostas?

— É encantador. — Ele pegou-lhe na mão, e ela sentiu o aroma de campo que exalou dele. Do verde do campo. — Queres um empurrão no baloiço?

— Talvez.

— Nenhum de nós teve muito disso, pois não, quando éramos crianças? — Com a mão dela na dele, começou a caminhar. — Não me tinha

apercebido de que havia aqui um parque. É um bom sítio, perto da vila o suficiente, e só longe o bastante para se tornar uma aventura. As árvores são jovens, por isso suponho que seja novo, e ainda está a ser feito — acrescentou ele, notando o equipamento de escavação e os materiais cobertos por lona.

— Sim, ainda precisa de algum trabalho. — Ela guiou-o, o mais subtilmente possível, para lá da pequena casa, até à fonte gorgolejante.

— Num belo dia como este, surpreende-me que não esteja repleto de crianças.

— Na realidade, não está oficialmente aberto ao público.

— Todo para nós, então? O Sean está connosco. Ele provavelmente adoraria brincar por aqui.

— Sim, talvez... — Ela pensara que ele olharia para a fonte, mas devia ter adivinhado que Roarke ia estar mais interessado no equipamento, provavelmente a especular sobre o que restava fazer. — Bem, passa-se o seguinte.

— Hmmmm? — Ele olhou de volta para ela.

— Credo. — Frustrada, ela virou-o e praticamente enfiou a cara dele na placa da fonte.

## PARQUE EM MEMÓRIA DE SIOBHAN BRODY HOMENAGEM DO SEU FILHO

Quando ele nada disse, ela enfiou as mãos nos bolsos.

— Então, bem... feliz aniversário, com alguns dias de antecedência.

Ele olhou então para ela, fitou-a simplesmente com aqueles maravilhosos olhos indómitos azuis. Disse simplesmente o seu nome. Simplesmente:

— Eve.

— Tive a ideia quando os irlandeses nos invadiram no passado outono e falei dela à Sinead. Ela e os outros abraçaram a ideia e concretizaram-na. Basicamente, apenas enviei dinheiro. Diabos, o teu dinheiro, visto que foi o que largaste naquela conta para mim quando nos casámos. Então...

— Eve — repetiu ele, e puxou-a, com força, pressionando a sua cara no cabelo dela.

Ela ouviu-o respirar, longa e silenciosamente, e soltar o ar à medida que os braços dele a apertavam.

— Então foi bom.

Ele não falou por um momento, apenas passou a mão, para cima e para baixo, pelas suas costas.

— Que mulher que és — murmurou ele, e ela ouviu a emoção nele, a

forma como o irlandês engrossou apenas um pouco a sua voz. E viu-a naqueles olhos vívidos quando ele se afastou. — Que tenhas pensado nisto. Que tenhas feito isto.

— A Sinead e os outros fizeram o trabalho pesado. Eu apenas...

Ele abanou a cabeça, deu-lhe um beijo. Como a respiração, longa e silenciosamente.

— Não tenho como te agradecer. Não há palavras de agradecimento suficientes. Não consigo dizer o quanto isto significa para mim, nem mesmo a ti. Não tenho palavras para o fazer. — Ele pegou nas mãos dela, levou-as aos seus lábios. — *A ghrá*. Confundes-me.

— Então foi bom.

Nessa altura, Roarke emoldurou-lhe o rosto, tocou com os seus lábios no sobrolho dela. Depois olhou-a nos olhos e falou em irlandês.

— O quê?

Quando ele sorriu, então, Eve animou-se.

— Eu disse: tu és o batimento do meu coração, a respiração no meu corpo, a luz na minha alma.

Emocionada, quase a derreter, ela pegou-lhe nos pulsos.

— Mesmo quando sou uma chata para ti?

— Especialmente nessa altura. — Voltou-se para estudar a placa. — É bela. Simples e bela.

— Bem, tu és um tipo simples.

Ele riu-se, tal como ela pretendia.

— Tenho vindo a conhecê-la um pouco através da família. Isto significaria muito para ela. Um lugar seguro para as crianças brincarem — disse ele, olhando novamente à sua volta. — Para as famílias virem. Os jovens sentados na relva, a fazer os trabalhos de casa, a ouvir música. A praticar no campo de futebol.

— Não percebo porque lhe chamam campo de futebol, porque isso não é futebol, mas sim um jogo de bola homicida. Não é beisebol, isso é certo. As pessoas daqui não fazem a mínima ideia do que é o verdadeiro beisebol, o que é muito triste para elas.

Ele riu-se novamente, pegou-lhe na mão, balançou-a.

— Devíamos chamar o resto do pessoal, e podes mostrar-me tudo isto.

— Claro.

O miúdo saiu disparado para o recreio no instante em que recebeu o sinal e começou a subir escadas, a pendurar-se nas barras, a balançar-se em postes como um macaco sardento.

Eve supôs que era uma validação confiável.

Em pouco tempo, Sinead e outros membros da família, que entretanto apareceram, dispuseram comida em mesas de piquenique, de onde os cães eram enxotados.

Quando Sinead caminhou até à berma da fonte e se sentou, Roarke seguiu-a e sentou-se ao seu lado. Ela pegou-lhe na mão, mantendo-se em silêncio por um momento.

— É bom saber que os meus netos e os que a seguir vierem vão brincar aqui, e rir, lutar e correr. É bom que algo duradouro e amável possa resultar da dor e da perda. A tua esposa conhece o teu coração, e isso faz de ti um homem rico.

— Faz, sim. Investiste muito tempo aqui.

— Oh, tenho algum de sobra, e também foi um presente para mim. Para os meus irmãos, para todos nós. A nossa mãe chorou quando eu lhe disse o que a Eve queria fazer. Lágrimas boas. Todos nós derramámos demasiadas lágrimas desgostosas pela Siobhan, por isso as lágrimas boas limpam. A tua mulher conhece a morte e a tristeza. Estão entranhadas nela, movem-se nela, e tornaram-na sensível. — Olhou para ele. — Ela tem um dom, um toque de visão que não vem através dos olhos, mas sim do coração e do estômago.

— Ela chamar-lhe-ia instinto, treino, sentidos de polícia.

— Pouco importa o nome, não é? Ah, então, vejam só. — Ela riu-se, puxou-o para se erguerem. — Aqui está um amigo que veio para brincar contigo.

Intrigado, ele olhou à sua volta. Sorriu.

— Ora se não é o Brian, vindo de Dublin.

— Achei que ias gostar de estar com um amigo de infância num dia como este. Vai lá então, pois parece-me que ele está a dedicar o seu tempo à tua mulher.

O sorriso de Brian Kelly estendeu-se sobre a sua cara larga e corada enquanto ele puxava Eve para um abraço.

— Ah, tenente querida. — Ele esmagou um beijo entusiástico na boca dela. — No instante em que estiveres pronta para te livrares do Roarke, eu estarei aqui.

— É sempre bom ter um de reserva.

Ele largou uma gargalhada, e envolveu com o seu braço os ombros dela enquanto Roarke se dirigia a passos largos até eles.

— Por ela, luto contra ti. E eu uso golpes baixos.

— Quem poderia censurar-te?

Ele deu uma risada, libertando Eve para dirigir a Roarke a mesma saudação — um abraço e um beijo esmagadores.

— Foste sempre um sacana sortudo.

— É bom ver-te, Brian.

— A tua tia teve a gentileza de me convidar. — Ele afastou-se ligeiramente para observar o pequeno parque bonito à sua volta. — Bem, isto ficou qualquer coisa. Não ficou uma coisa mesmo boa?

Eve olhou para baixo quando Sean lhe apertou a mão.

— O que foi?

— Os cães fugiram para o bosque, para ali.

— Está bem.

— Eles não voltam quando eu os chamo, só continuam a ladrar.

— E?

Ele revirou-lhe os olhos.

— Bem, tu és detetive, não és? Não tenho autorização para ir lá sozinho, por isso tu tens de vir comigo para os encontrar.

— Tenho?

— *Aye*, claro — disse ele, sem rodeios. — Eles podem ter encontrado alguma coisa. Como um tesouro, ou uma pista para um mistério.

— Ou um esquilo.

Ele olhou para ela de uma forma sinistra.

— Não se consegue saber até se saber.

Brian ergueu a voz.

— Dava-me jeito passear um pouco para esticar as pernas depois da viagem de Dublin. Também me dava jeito encontrar um tesouro.

Sean sorriu, irradiante, para Brian.

— Vamos, então, mas ela tem de vir. Ela fica responsável porque é uma tenente.

— Parece-me justo. Estás pronto para um pouco de busca e salvamento? — perguntou a Roarke.

— Eu mostro-vos o caminho! — O rapaz correu à frente.

— Vamos, tenente. — Roarke pegou-lhe na mão. — És a responsável. Como estão as coisas no *pub*, Brian?

— Oh, sempre na mesma. Eu tiro as cervejas, ouço os mexericos e as desgraças. — Piscou o olho ao amigo por cima da cabeça de Eve. — Isto agora é uma vida tranquila para mim.

— Como é que se diz *tretas* em irlandês? — interrogou-se Eve.

— Essa agora, tenente querida, sou um homem renovado desde que este

me levou por maus caminhos na minha juventude. Se vieres a Dublin em breve, vê com os teus próprios olhos. Ofereço-vos aos dois tudo o que conseguirem beber.

Caminharam calmamente, embora o rapaz tenha corrido para trás e para a frente, insistindo para eles se apressarem. Eve ouvia agora os cães, num ladrar alto, excitado e persistente.

— Porque é que os cães estão sempre a fugir para encontrar algo para cheirarem, urinarem ou perseguirem?

— Todos os dias são uma festa quando se é cão — observou Brian. — Especialmente quando há um miúdo envolvido.

Quando alcançaram a orla do bosque, ela resignou-se a caminhar pela natureza — na sua opinião, uma sacana perigosa.

O musgo crescia, verdejante, nas rochas e nas árvores, com a luz do Sol a infiltrar-se com uma tonalidade esverdeada através das folhas. Ramos nodosos contorciam-se em silhuetas estranhas à medida que se erguiam ou se espalhavam.

— Cuidado com as fadas — disse Brian com um sorriso. — Cristo, já passaram anos desde que entrei num bosque. Roarke, lembras-te de quando roubámos aqueles alemães no hotel, e depois nos escondemos durante dois dias com viajantes na floresta, em Wexford, até as coisas amainarem?

— Credo, eu estou mesmo aqui — salientou Eve. — Polícia.

— Houve aquela rapariga — prosseguiu Brian, descaradamente. — Ah, aquela beleza escaldante. E não importava a forma como eu a tentava encantar, ela só tinha olhos para ti.

— Repito, mesmo aqui. Casada.

— Foi há muito tempo e muito longe daqui.

— Perdeste metade da tua parte aos dados antes de termos saído de lá — lembrou-lhe Roarke.

— Perdi, sim, mas diverti-me muito.

— Onde está o miúdo? — Eve parou por instantes.

— Acabou de ir a correr um bocado à nossa frente — disse Roarke. — Ele está a ter uma aventura.

Ouviram-no gritar.

— Aí estão vocês, seus grandes estúpidos!

— E já encontrou os cães.

— Boa, ele pode trazê-los de volta, ou como preferir. — Ela ficou onde estava, a analisar. — É arrepiante aqui, ou sou só eu?

— Só tu, querida. — Roarke ia começar a chamar Sean de volta quando ouviu o som de corrida. — Aí vem ele.

O rapaz voava pelo caminho, as sardas destacando-se fortemente no seu rosto pálido, os seus olhos esbugalhados.

— Têm de vir.

— Algum dos cães está ferido? — Roarke avançou, mas o rapaz abanou a cabeça, agarrou o braço de Eve.

— Despacha-te. Tens de ver.

— Ver o quê?

— Ela. Os cães encontraram-na. — Ele puxou Eve e arrastou-a. — Por favor. Ela está horrivelmente morta.

Eve começou a dizer algo, precipitadamente, mas o olhar de Sean eliminou-lhe a irritação, despertou-lhe o instinto. O miúdo já não estava a ter uma aventura inofensiva.

— Mostra-me.

— Um animal — começou Brian — ou um pássaro. Os cães encontram sempre os mortos.

Mas Eve deixou Sean guiá-la para fora do caminho pedregoso, pela mata, sobre rochas cobertas de musgo, até onde os cães se encontravam sentados, agora calados, a tremer.

— Ali.

Sean apontou, mas ela já tinha visto.

O corpo estava deitado de barriga para baixo, um sapato de salto alto por pouco preso na ponta do pé direito. O rosto lívido, coberto de hematomas, encontrava-se virado para ela, os olhos vidrados e sem vida sob a pálida luz verde que a envolvia.

O miúdo tinha razão, pensou Eve. Estava horrivelmente morta.

— Não. — Ela puxou-o rapidamente para trás quando ele deu mais um passo em frente. — Estás perto o suficiente. Mantém esses cães afastados. Eles já comprometeram a cena do crime.

A mão dela foi automaticamente ao encontro do gravador que não estava na sua lapela. Por isso, Eve gravou a cena na sua mente.

— Não sei a quem raio, por aqui, tenho de reportar isto.

— Vou tratar disso. — Roarke retirou o seu *link* de bolso. — Brian, leva o Sean e os cães de volta, sim?

— Não. Eu vou ficar. — Sean manteve-se no mesmo sítio, obstinadamente, com as mãos fechadas em punhos de ambos os lados. — Eu encontrei-a, por isso devo ficar com ela. Alguém a matou. Alguém a matou e a deixou sozinha. Eu encontrei-a, portanto agora tenho de tomar conta dela.

Antes que Roarke se pudesse opor, Eve voltou-se para o rapaz. Ela tinha

pensado em mandá-lo embora, mas algo naquele rosto jovem e sardento a fez mudar de ideias.

— Se ficares, tens de fazer o que te dissermos.

— Tu és a responsável.

— É isso mesmo. — Até a Polícia local chegar. — Tocaste-lhe? Não mintas, é importante.

— Não. Juro. Eu vi os cães, e subi a correr. Depois vi-a, e tentei gritar, mas... — Ele ruboresceu um pouco. — Não consegui que saísse nada. Fiz os cães afastarem-se dela, e sentarem-se, e ficarem quietos.

— Fizeste muito bem. Conhece-la?

Ele abanou a cabeça, lentamente, solenemente, de um lado para o outro.

— O que é que fazemos?

— Tu já protegeste a cena do crime, por isso mantemo-la assim até a Polícia chegar.

— Tu és a Polícia.

— Eu não tenho autoridade aqui.

— Porquê?

— Porque não é Nova Iorque. Quão longe está isto da estrada?

— Por ali não fica muito longe da estrada que passa mesmo ao lado da minha escola. — Ele apontou. — Às vezes, se estivesse com alguns dos meus primos mais velhos, cortávamos caminho por aqui quando eles estavam a montar o parque e as outras coisas.

— Quem mais vem para aqui?

— Não sei. Qualquer um que queira.

— A Garda<sup>2</sup> está a chegar — disse-lhe Roarke.

— Sean, faz-me um favor e acompanha o Roarke até à estrada de que me falaste. Eu fico com ela — assegurou-lhe Eve antes que ele se pudesse opor. — Quero saber quanto tempo se demora a percorrê-la.

— É uma pista?

— Pode ser.

Quando se afastaram o suficiente para já não os conseguirem ouvir, Eve disse:

— Merda.

— Aye — concordou Brian. — Ela é jovem, parece-me.

— Vinte e poucos anos. Cerca de um metro e sessenta e cinco, e à volta de cinquenta e quatro quilos. Mulher mestiça, cabelo louro com madeixas azuis e vermelhas, olhos castanhos, tatuagens no interior do

---

<sup>2</sup> Polícia da República da Irlanda. (N. de T.)

tornozelo esquerdo, um pequeno pássaro, e nas costas do ombro direito, um sol ardente. Sobrancelha e nariz furados, *piercings* múltiplos nas orelhas. Ela é da cidade. Ainda está a usar os anéis e os brincos, anéis em três dedos.

— Bem, não posso dizer que tenha reparado em tudo, mas agora já me consigo aperceber de tudo isso. Como é que ela morreu?

— O meu palpite, pelos hematomas, é de estrangulamento com algumas agressões anteriores. Ela está completamente vestida, mas poderá ter havido agressão sexual.

— Pobre miúda. Um fim cruel para uma vida curta.

Eve não disse nada, mas pensava que o homicídio era sempre um fim cruel, por mais curta ou longa que fosse a vida. Ela virou-se ao ouvir Roarke e o rapaz a regressarem.

— Não é mais do que uma caminhada de dois minutos até à estrada, e o caminho está suficientemente desobstruído. A iluminação da rua acende-se ao anoitecer, uma vez que está perto da escola. — Ele esperou um momento. — Posso improvisar um *kit* de campo sem grande dificuldade.

Eve estava desejosa disso.

— Não pertence à minha jurisdição, o caso não é meu.

— Nós encontrámo-la — argumentou Sean, com considerável teimosia no seu tom de voz.

— Isso faz de nós testemunhas.

Uma vez mais, ela ouviu um farfalhar, passos. Um polícia fardado surgiu no trilho. Jovem, pensou ela, e quase suspirou. Tão jovem como a vítima, com o rosto sincero e rosado da inocência.

— Sou o agente Leary — começou ele. — Reportaram alguns problemas? Que... — Ao ver o corpo, ele perdeu o fio à meada, ficou do mesmo verde pálido da luminosidade.

Eve agarrou-lhe o braço, voltou-o de costas.

— Reconstitua-se, Leary. Alguém se livrou aqui de um cadáver, e você não quer comprometer a cena do crime ao chafurdar na vítima.

— Desculpe?

— Fá-lo-ia ao vomitar. Onde está o seu superior?

— Eu... o meu... ah... o sargento Duffy está de férias em Ballybunion com a família. Só saiu esta manhã. Quem é a senhora? É a agente americana de Nova Iorque? A polícia do Roarke?

— Sou a tenente Dallas, da Polícia de Nova Iorque. Ligue o seu maldito gravador, Leary — murmurou Eve.

— Sim. Desculpe. Eu nunca... não o fazemos. Não tenho bem a certeza do que estou a fazer.

— Está prestes a recolher o depoimento de uma testemunha, a proteger a cena do crime, e depois a chamar quem quer que seja que ande por cá que investigue homicídios.

— Na verdade não há ninguém assim... quero dizer, não por cá. Vou ter de contactar o sargento. Basicamente, nunca nos acontece nada disto por cá. Não aqui. — Ele olhou para ela. — Pode ajudar-me? Eu não quero cometer erros.

— Nomes. Tem o meu. Aquele é o Roarke. Este é o Brian Kelly, um amigo de Dublin. Este é o Sean Lannigan.

— Sim, eu conheço aqui o Sean. Como aconteceu tudo, então?

— Eu encontrei-a.

— Estás a sentir-te bem, rapaz?

— Sean, diz ao agente o que sabes, o que fizeste.

— Bem, está a ver, estávamos todos ali no parque, a fazer outro piquenique, e os cães fugiram para aqui. Não queriam voltar e estavam a ladrar como loucos. Por isso, pedi à minha prima tenente para os vir procurar comigo. Viemos todos para o bosque, e eu vim à frente, para o sítio onde os cães estavam a ladrar. E vi-a ali, a rapariga morta, e corri de volta e trouxe a nossa polícia para ver.

— Fizeste muito bem, rapaz. — Leary olhou, suplicante, para Eve.

— Mantivemo-nos aqui desde a descoberta. O Roarke e o Sean fizeram o caminho de ida e volta até à estrada. Os cães andaram por toda a cena do crime, como se pode ver pelos vestígios deixados no terreno mais mole. Conseguem também ver impressões de sapatos, que muito provavelmente pertencem a quem a colocou aqui, uma vez que nenhum de nós se aproximou mais do que onde estamos agora.

— Impressões de sapatos. *Aye*, estou a ver. Muito bem. Não posso dizer que a reconheço.

— Ela não é destas bandas. — Eve procurou ser paciente. — Ela é da cidade. Múltiplas tatuagens e *piercings*, verniz néon, nas unhas das mãos e dos pés. Repare no sapato. Ela não veio até aqui com esses sapatos calçados. Isto é um local de despejo.

— Está a querer dizer que ela não foi morta aqui, mas que alguém se livrou dela neste local, como disse anteriormente.

— Não se vê aqui nenhum sinal de luta. Não tem hematomas nos pulsos nem nos tornozelos, por isso não foi amarrada. Quando alguém nos dá

alguns murros na cara, ou nos sufoca até à morte, à partida vamos dar luta. Precisa de fazer o relatório, chamar o vosso médico-legista, a equipa forense. Tem de a identificar e determinar a hora da morte. Os animais ainda não começaram a rondá-la, por isso ela não deve estar aqui há muito tempo.

Ele acenou com a cabeça, continuou a acenar, a seguir retirou um dispositivo de identificação do seu bolso.

— Eu tenho isto, mas nunca o usei.

Eve orientou-o.

— A vítima chama-se Holly Curlow. Vive em... vivia em Limerick.

Eve inclinou a cabeça para ler os dados. Vinte e dois anos, solteira, empregada de mesa num bar, uma ou duas infrações. Parente mais próximo, mãe, de um lugar qualquer chamado Newmarket-on-Fergus.

*Onde é que arranjavam estes nomes?*

— Eu, ah, preciso de ir buscar o outro equipamento... e vou contactar o sargento. Importa-se de ficar, para proteger o local do crime? Para o manter assim, quero dizer. Isto é uma enorme confusão, e eu quero fazer isto bem, por ela.

— Eu fico. Está a fazer tudo bem.

— Obrigado. Voltarei o mais depressa que conseguir.

Ela virou-se para Sean.

— Já estamos a tratar dela agora, certo? Eu fico com ela, mas tu tens de regressar. Tu e o Brian precisam de regressar, de levar os cães. Deixa-me agora tratar disto.

— Ela tem um nome. É a Holly. Vou lembrar-me dele.

— Tu defendeste-a, Sean. Tu defendeste-a com coragem. Essa é a primeira coisa que um polícia tem de fazer.

Com um sorriso esbatido, ele virou-se para os cães.

— Vamos, rapazes.

— Eu tomo conta dele. — Brian pousou uma mão no ombro de Sean e foi-se embora com ele.

Eve voltou-se, olhou para Roarke.

— Há sempre vilões.

— É uma lição difícil para se aprender tão novo.

— É difícil em qualquer altura.

Ela pegou na mão de Roarke e manteve-se a vigiar o cadáver, como já tinha feito inúmeras vezes.